O DIA DO PAGAMENTO E O FIM DE SEMANA: SALÁRIOS E A TRANSFORMAÇÃO DOS RITUAIS ANUAIS DE CONFLITO NA *PLANTATION*

RUSSELL PARRY SCOTT
Universidade Federal de Pernambuco

Num trabalho recente de grande fôlego teórico na área de ecologia cultural, Dirks (1987) busca as origens de um complexo mundialmente ordenado de rituais anuais de conflito ocorridos sobretudo em áreas de *plantations* açucareiras. Recorre a dados fisiológicos e culturais para demonstrar a associação entre, de um lado, festas envolventes elaboradas repletas de instâncias que afirmam a inversão dos papéis entre senhores e escravos, donos e trabalhadores, e, de outro lado, reações fisiológicas à satisfação de fome após longos períodos de escassez alimentar. Após detalhar mais o argumento de Dirks, apresenta-se uma descrição microetnográfica contemporânea de um engenho açucareiro em Pernambuco, para depois analisar alguns elementos que contribuem para a transformação histórica e cultural dos rituais de conflito em rituais semanais.

Plantations, fome e a teoria de agonismo induzido por alívio

Inspirado em observações na área *plantation* da Jamaica, Dirks comenta os festivais natalinos e de ano novo nas áreas rurais de monocultura açucareira na ilha, detalhando uma série de eventos onde historicamente tenha havido uma marcada inversão dos papéis entre senhores e escravos. Para explicar estes eventos recorre à conhecida abordagem de Gluckman (1954) sobre rituais anuais de conflito, acrescentando a ela considerações

Anuário Antropológico/89
Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992

sobre a derivação biológica e cultural destes rituais. Os eventos descritos por ele incluem 1) as festividades natalinas jamaicanas, amplamente documentadas há alguns séculos, em que os senhores ofereciam presentes e alimentos refinados e abriam as suas mansões para danças animadas e discursos improvisados dos próprios escravos, festas essas que as vezes se alastravam por dias a fio; 2) desfiles de homens corpulentos e mascarados denominados "John Canoe", carregando espadas de madeira e acompanhados de fileiras de mulheres bêbadas, que coletivamente ameaçam ritualmente os senhores abordados por eles, recebem dinheiro, e depois se pacificam; 3) conjuntos de "meninos atores", usando máscaras brancas, robes e cocares e encenando peças de combate. morte e resurreição; e 4) equipes de moças, divididas entre "vermelhas" e "azuis" que disputavam o reconhecimento do seu lado como superior, mais bonito, mais gracioso, melhor fantasiado e melhores cantoras. A usurpação destes eventos e a sua transformação em outras atividades que, em graus diversos, apenas relembram as atividades anteriormente documentadas são apresentadas como parte da evolução da sociedade jamaicana envolvente.

É este contexto extraordinário de eventos que invertem papéis e que extravasam conflito que inspira Dirks a procurar explicações mais profundas sobre a sua ocorrência. Demonstra que, apesar de ocorrer durante um período do ano cuja definição temporal se estende para fora da ilha e para o estabelecimento da tradição cristã, a ocorrência destes eventos coincide com o mês em que há documentação do maior número de rebeliões de escravos (35% do total!) e também quando ocorre uma enorme e visível transformação no estado nutricional dos escravos, que após seis meses de trabalho árduo e fome, gozam de aumentos calóricos provenientes de 1) o início da coleta de bens de subsistência, 2) a chegada de barcos de provisões após um período de temporais que havia impedido a sua chegada; 3) a diminuição na exigência de trabalho nos canaviais e 4) os complementos alimentares provenientes das festividades cristãs.

Arrolando dados sobre as reações psicológicas documentadas em observações e pesquisas sobre o alívio de fome em animais e em prisioneiros de campos de concentração, mostra que a reação fisiológica conduz à hiper-irritabilidade e disposição para entrar em querelas e brigas, o que ele denomina de "agonismo induzido por alívio". Então isto serve como um "pontapé" inicial para a ocorrência de atividades como as que ele descreveu.

Para reforçar a sua teoria, Dirks usa os Human Relations Area Files para investigar a correlação entre a ocorrência de rituais de conflito e a ocorrência de períodos prolongados de fome em todas as sociedades catalogadas neste arquivo abrangente de culturas mundiais, correlação esta que é encontrada como fortemente positiva. Ainda verifica mais detalhadamente esta correlação, vendo a frequência com a qual tais rituais ocorrem, chegando à conclusão que em 75% destas sociedades os rituais acontecem durante, ou imediatamente posterior, a uma colheita.

Diante desta evidencia provocante, Dirks comenta que, com o incremento de complexidade cultural, as encenações de conflito são "mais refinadas" e "menos cheio de embates" (:186). Os dados fisiológicos apresentados por ele indicam que "interrupções pequenas num padrão cansativo são alentadoras" (:177), não levando a manifestações tão exageradas de hiper irritabilidade como ocorrem com interrupções mais marcantes.

Este quadro explicativo leva a algumas indagações que servem para orientar a análise de dados do Nordeste açucareiro. Como é que a ritualização anual de conflitos se modifica com a evolução de regimes escravocratas para regimes de exploração capitalista de *plantations*? Há transformações significativas no *substratum* biológico e fisiológico de fome que mereçam atenção? É possível discernir uma transformação na periodização da manifestação dos rituais que os afastam do período "sazonal" para outros períodos mais regulares? São estas as questões que pretendo analisar baseando-me numa apresentação breve sobre uma experiência vivida e revivida durante um período de dezoito meses de pesquisa de campo nos engenhos da região açucareira da zona da mata sul no estado de Pernambuco, de 1977 a 1978.

O assalariamento e os ritos de conflito na zona canavieira pernambucana

Durante o ano e meio em que convivi com os trabalhadores rurais de Pernambuco fiquei muito impressionado pelo fato de não existir nenhuma época em que os trabalhadores coletivamente extravasassem os conflitos latentes na estrutura hierarquizada dos engenhos. Quando a cidade estava em festa, nos engenhos o trabalho continuava numa monotonia pontuada sobre-

tudo pela mudança nas tarefas agrícolas decorrentes das exigências das safras e entressafras dos canaviais. As festas de fato não passavam despercebidas, mas a sua importância parecia ser tão desvinculada do cotidiano do engenho que não podiam ser vistas como marcando um hiato e uma inversão da rotina, como as festividades descritas por Dirks. No início do ano, o carnaval passava com pouca fanfarra nos engenhos e o mesmo acontecia com a páscoa e o tradicional ciclo junino de festas bem como com a época natalina e de ano novo. Houve sim, um aumento no número de viagens e visitas na costumeira intensificação de sociabilidade nestas épocas (especialmente nesta última, relacionada com o dinheiro adicional no bolso proveniente do décimo-terceiro salário), mas não repercutia em manifestações marcantes de um ambiente mudado. Freqüentemente os trabalhadores optavam por trabalhar nas suas férias para complementar sua minguada renda costumeira. Por outro lado, havia festas ocasionais patrocinadas por uma ou outra figura de engenho (geralmente pertencente à hierarquia administrativa) que permitiam uma quebra de rotina, mas não era possível atribuir nunhuma sazonalidade ou repetividade anual na sua ocorrência. Eram eventos um tanto aleatórios.

De um lado, os folcloristas pernambucanos identificam alguns folguedos populares com originários ou pelo menos costumeiros no campo na zona da mata (como, por exemplo, o bumba-meu-boi). De outro lado, há uma semelhança extraordinária entre as festividades jamaicanas e a celebração carnavalesca que toma conta das cidades pernambucanas situadas na zona açucareira costeira com os quatro dias entregues à folia: a representação da "realeza" nos maracatus e cambindas das nações negras repletas de simbolização guerreira e inversão de papéis, com as "la ursas" fazendo pedidos no mesmo estilo dos "John Canoe"; com a própria figura do Rei Momo que lembra o mesmo folguedo jamaicano. Afinal de contas, o conteúdo de inversão de papéis é por demais identificado com o carnaval brasileiro (ver Da Matta 1980). Ainda na época de natal há os pastoris profanos que espelham as equipes vermelhas e azuis jamaicanas. É possível que uma investigação etno-histórica detalhada destas ocorrências poderia amarrá-las mais ainda à vida nos engenhos, aproximando-as a uma corroboração às idéias de Dirks. Não foi possível realizar esta investigação ainda, e destaca-se a necessidade de ser feita. No entanto, voltando ao presente do cotidiano dos engenhos, ainda perdura a imagem de poucas quebras marcantes de rotina, o que faz parecer que os rituais anuais de conflito, mesmo que tenham existido, não

fazem mais parte importante do ambiente do sistema de *plantations* nos engenhos do nordeste.

Um dos elementos chaves na análise de Dirks é a sujeição a períodos prolongados de fome. Apesar dos dados codificados do HRAF de Dirks classificar o exemplo brasileiro de "Bahia, Brasil" e indicar que as informações etnográficas declaram que não existem períodos de escassez de alimentos, a fome faz parte institucionalizada do sistema canavieiro pernambucano (paralela ao sistema baiano), como atestam eloquentemente os estudos sobre estado nutricional dos trabalhadores rurais feitos por Nelson Chaves (1968) , que detectaram um processo de inanição destes trabalhadores. No sistema historicamente estabelecido de moradores em que os trabalhadores tinham acesso a sítios de fruteiras e roçados para plantio, especialmente nos meses de maio e junho, a intensificação das farinhadas e outras colheitas associadas pode ter proporcionado algum alívio à dieta magra dos trabalhadores e aumentado o ânimo das fogueiras de São João. O acesso aos sítios tem diminuido. E, embora uma boa parte dos trabalhadores que são ainda moradores dos engenhos ainda plantem (sendo em escala muito menor), o grosso da sua dieta é proveniente de feiras feitas com o seu dinheiro ganho semanalmente, e os meses de maior fartura nos roçados são contrabalançados com os ganhos mais minguados do período da entressafra. Ou seja, atualmente, não se caracteriza nenhum período do ano como realmente oferecendo um alívio à fome. A monotonia do trabalho é acompanhado pela monotonia debilitante da fome. (Chama-se atenção ao fato desta descrição da situação se adequar para os fichados, enquanto os clandestinos, sem vínculo empregatício com os engenhos, de fato são submetidos a períodos sazonais de fome correspondendo à entressafra da cana).

A "sujeição" e "o cativeiro" viraram categorias cognitivas que permeiam o discurso dos trabalhadores rurais empregados nos engenhos de Pernambuco (ver Sigaud 1979, Garcia 1986 e Scott 1981). O assalariamento tem se tornado um jugo que redefine a vivência temporal. É um sistema que tem promovido, entre os trabalhadores fichados, uma equidistribuição da fome, em que não há perspectivas de fugas ou saídas em nenhuma sazão. A saciação da fome é uma ocorrência passageira e repetitiva, marcada não pela modificação sazonal no acesso aos frutos da terra , e sim pela regularidade do pagamento de um salário que permite a realização das compras semanais.

É neste quadro de referência que se pode perceber que existem rituais de conflito nos engenhos contemporâneos, incorporados no dia do pagamento e nos fins de semana, tempos definidos culturalmente pelo regime de assalariamento, pondo em evidência a desigualdade e contribuindo para a ocorrência de dois tipos de "folia", uma que exarceba as manifestações das tensões entre proprietários e trabalhadores, e outra que desloca o enfoque das tensões para as relações entre famílias dos próprios trabalhadores. Uma análise mais pormenorizada do conteúdo de conflito nestas "folias" associadas ao dia do pagamento e ao fim de semana mostra como estas "interrupções pequenas num padrão cansativo" se enchem de uma significação especial para os trabalhadores.

O dia do pagamento e o fim de semana: rituais semanais de conflito

Na sexta-feira de noite, pouco depois do anoitecer, a monotonia do engenho se transforma num reboliço alegre que acompanha o ato máximo de afirmação da subordinação do trabalhador ao empregador. É o dia do pagamento. O administrador do engenho e seus fiéis conferentes e cabos, fiscais diários do trabalho, se instalam num birô improvisado no alpendre da casa grande, onde reside o mesmo administrador. Na escadaria, na pista empoeirada, na frente da casa vizinha e por volta do barracão aparecem aglomerados de trabalhadores amigos, conversando e aguardando junto com alguns de seus familiares, principalmente filhos. Quando começa a chamar os nomes dos homens, todos se aproximam mais para poderem se apresentar para receber o envelope do seu ganho semanal. São frequentes as reclamações do valor ser inferior ao esperado, alguns chamando a atenção ao fato que se deixou de incluir as tarefas realizadas pelos filhos ou pela esposa, outros discordando dos pesos e medidas registrados nos cadernos dos cabos e conferentes, e outros achando que o desconto que foi para pagar as dívidas no barracão foi exagerado. Mesmo assim, o trabalhador com dinheiro no bolso é diferente daquele que passou a semana "liso". A esposa de um trabalhador vende comida de milho feita em casa juntinho à escadaria, e a poucos metros dela o trabalhador cuja mulher prepara um doce de coco muito apreciado por crianças e adultos vende a sua mercadoria. Outros vendem confei-

tos comprados na rua. Prevenindo contra a alteração do estado dos trabalhadores, o dono do barracão fecha a sua venda e parte no seu carro para o povoado onde reside e opera outra venda. Ele sabe que sexta-feira à noite pode trazer muitas brigas, como de fato traz. Nos arruados, versões não tão modernas e não tão modificadas das antigas senzalas, e em algumas casas mais isoladas uma ou outra porta fica escancarada para expor as prateleiras de Pitu, de Rainha Pernambucana e de vinho de jurubeba, com sacos de confeitos e pipocas, e com tira-gostos preparados pelas mulheres para vender aos companheiros dos seus maridos, sentados em tamboretes toscos ou em pé em animadas rodas de conversas. Bode, galinha, "fígado alemão", xarque, tatu, ovos cozidos todos são consumidos, sobretudo nesta noite e no sábado. Alguns dos rapazes e dos maridos mais afoitos se aventuram pela trilha do trem até o complexo de casebres de taipa no engenho próximo onde podem disputar, junto com os operários da usina, o direito de ficar com as mulheres solteiras dispostas a satisfazer os seus desejos em troca de parte do seu salário. É nestas horas que as vozes se levantam, as acusações entre rivais e supostos amigos aumentam, quando o sangue corre quente nas veias, e quando os maridos ofendidos revidam aos que os contrariam. Quando os espíritos ficam mais alterados ainda, balas e peixeiradas fazem algumas vítimas. Mas o reboliço não é somente uma agitação movimentada a álcool e a disputa. É também uma intensificação da prática e do sentimento de autonomia que desafoga o peso das tarefas cotidianas realizadas para o dono do engenho. Para os trabalhadores, a leveza, a alegria e a descontração permeiam as horas dedicadas a atividades para si mesmos e para suas famílias. Os moradores que tomam mais a sério sua própria produção nos roçados, realizada após as horas nos canaviais ou pelos familiares não ativos nos canaviais, andam intensificando a sua labuta autônoma, arrancando a mandioca, descascando-a, moendo-a, inclusive noite a dentro e, em um ambiente de conversa animada e troca de favores, finalmente, após separar as cuias dos responsáveis pela casa de farinha e outras necessárias para o consumo doméstico, ensacando-a para ser levada para a feira e vendida ainda nova. Outros procuram os seus colegas mais amigos para combinar a pescaria ou a caçada nos restos de mata que ainda despontam pelos engenhos. E todas as famílias vão à feira para realizar as compras que vão permitir que o feijão, a farinha e o arroz sejam acompanhados por um pedaço de alguma coisa semelhante a carne, pelo menos no domingo.

É curioso que este conjunto de atos ritualizados que se associam ao cume da condição de assalariado, ao dia do pagamento, não é somente o início do curto período renovador das energias gastas durante a semana, mas é a hora em que se encenam os rituais de conflito que demarcam a separação entre trabalhadores, de um lado, e proprietários de outro[1]. Uma boa proporção destas atividades constitui uma afirmação de autonomia em face do assalariamento e podem ser entendidas como "folias" que são ritos semanais "anti-assalariados". Outros são "folias" direcionadas para as próprias familias de trabalhadores e podem ser entendidas como "ritos domésticos". É o período quando as transgressões vêm à luz e, contraditoriamente, na realização dos rituais, reforça-se a ordem imposta pela regimentação salarial.

Ritos semanais anti-assalariados

Para encerrar este trabalho que demonstra transformação de ritos anuais de conflito regidos pela sazonalidade para ritos semanais de conflitos regidos pelo assalariamento, convém destacar o conteúdo de conflito evidente nas atividades descritas como fazendo parte do ambiente de descontração do dia do pagamento e do fim de semana nos engenhos.

Os ritos semanais anti-assalariados incluem dois tipos:

1) o *primeiro tipo* de ritos semanais anti-assalariado é o conjunto de atividades de trabalhadores mais estáveis no engenho *para afirmar a sua "autonomia" econômica*[2]. Cada uma destas atividades evidencia tanto a vontade de ruptura com o regime assalariado, quanto a apropriação destas atividades pelos proprietários que, ao "permitir o não permitido", mostram a sua generosidade e "larguesse" que, não incidentalmente, chega a proporcionar uma renda adicional que estruturalmente justifica o pagamento de salários até abaixo dos níveis necessários para a reposição plena da energia das famílias

---

1. Ver Scott (1979) e Dirks (1978) para argumentos que mostram que esta divisão de classes é de tal magnitude nas *plantations* que pode ser entendida como representando duas espécies concorrentes segundo a perspectiva ecológica em antropologia.
2. Esta posição entre autonomia e sujeição é bem delineada em Palmeira (1977) e Garcia (1986).

trabalhadoras. Estas atividades, vividas prazerosamente pelos trabalhadores, incluem:

a) as vendas domésticas

Formalmente proibidas pela administração do engenho inclusive para evitar competição com o barracão, estas vendas são toleradas ao redor da casa grande no dia do pagamento, bem como em algumas casas de trabalhadores. É ao redor destas vendas que se aglomeram os trabalhadores para beber e para conversar. Elas sempre são de dimensões de baixa capitalização, que as diferenciam bastante do barracão. Servem para complementar os salários de quem as organiza;

b) a roça, a farinhada e a feira

Embora a lei dos sítios exija que cada trabalhador tenha terra para plantar para si mesmo, a política de expansão dos canaviais pressiona e limita estas áreas, forçando os trabalhadores que usam esta opção a desbravar os caminhos dos canaviais limpando a mata nas brechas do trabalho assalariado para usar um tempo e depois deixar para o plantio dos proprietários. Nas casas de farinha, que a administração do engenho concede serem montadas por alguns dos seus favorecidos para eles receberam as suas "cuias" de taxa de uso, o ambiente de descontração, brincadeiras e fofoca cria uma esfera autônoma onde os trabalhadores são mais "donos de si". O alimento produzido para seu próprio consumo e para venda na feira é um alimento cuja despesa independe do salário;

c) o uso e o abate do criatório

Criam-se animais no engenho em ambiente de terror, pois existe um trabalhador encarregado específicamente de descobrir quando os animais invadem os canaviais. As suas ordens são de avisar os donos dos infratores e sugerir que sejam negociados e, as vezes, de exterminar os que fazem maiores estragos (bois, cabras, porcos, burros, cavalos). Mesmo assim o criatório menor (porco, bodes, cabras, galinhas, preás, patos) ainda nos fins de semana acha o caminho das panelas das famílias seja para consumo próprio, seja para tira-gosto negociado. E o criatório maior ajuda a carregar tudo que se precisa - como a feira, a lenha, os produtos do roçado e, inclusive, os próprios trabalhadores;

d) a caça e a pesca

Destas atividades não há proibição formal por parte da administração, mas os trabalhadores que participam destas atividades sempre salientam que

se, de um lado, a caça e a pesca estão escasseando, de outro lado , o ato de caçar e pescar é inteiramente autônomo, relaxa, diverte e alimenta;

2) O *segundo tipo* de ritos semanais anti-assalariados é o conjunto de *atividades que acirram diretamente o conflito entre os assalariados e a administração*. São:

a) as discussões sobre o salário

Raramente o trabalhador ganha a discussão sobre a razão de ter recebido menos que esperava. O administrador aponta os livros e confere com os fiscais par demonstrar que o trabalhador desconhece a sua própria produção. São momentos tensos em que normalmente o trabalhador é sumariamente afastado da discussão;

b) a roda do barracão

Especialmente os homens solteiros (que são muitos) formam parte do aglomerado que fica perto do barracão, que joga sinuca, e que entra em discussão com o barraqueiro antes que este vá embora, e com os outros colegas enquanto a noite avança. Aqui o empurra-empurra decorre não somente das injustiças do desconto, mas também das rixas estabelecidas entre trabalhadores particulares;

c) as rondas da casa grande

Após a realização do pagamento o administador conversa mais um pouco e depois se retira, sempre deixando a sua arma por perto. Depois das ofensas e das bebidas, é frequente um ou outro trabalhador manifestar a sua discordância em alto e bom som na frente da casa grande. Somente quando esta "ronda" à casa dele é feita com exagero é que provoca a sua saída e a retirada do trabalhador que, se não for abandonar o engenho em breve, certamente será sujeito às tarefas mais difíceis nos próximos dias.

Ritos domésticos

Os ritos domésticos representam uma espécie de folia que efetivamente desvia a tensão da relação vertical no trabalho para o nível horizontal entre trabalhadores, reproduzindo dentro do grupo doméstico uma relação vertical entre os gêneros, onde a "dominação" impossível no trabalho se transforma

num esforço de "dominação" em casa. Inclusive em outro lugar (Scott 1981) já demonstrei que a própria noção de "cativeiro" tão presente no discurso dos trabalhadores se sustenta basicamente sobre a questão dos homens controlarem a mão-de obra e a sexualidade feminina, e que a estrutura do sistema de *plantations* chega a invadir massivamente esta esfera de controle. As manifestações mais evidentes deste rito que desvia o conflito são:

a) no pagamento

Os salários das esposas e dos filhos menores costumam ser incorporados ao salário do marido, permitindo que ele exerça maior controle na hora da redistribuição interna na casa;

b) nas visitas à casa de prostituição

Em afirmação da sua liberdade, alguns homens, independente do seu estado civil, permitem que parte do seu salário seja levado em demonstrações da sua virilidade, colocando, quando casados, as suas mulheres em evidente condição subordinada;

c) acertos de contas

Seja qual for o assunto que motiva as discussões e brigas entre trabalhadores, o discurso dos dois lados está quase sempre permeado por acusações sobre a fidelidade das mulheres associadas com cada um. De "filho da puta" a "corno" a definição mais íntima do homem passa pela avaliação da capacidade masculina de controlar a atividade sexual feminina no seu grupo doméstico. Já destituído de poder no campo do trabalho, esta ameaça à masculinidade na esfera doméstica se torna uma acusação grave. Não é por casualidade que os cambiteiros sejam dos trabalhadores mais caçoados do engenho, pois a sua função é de carregar a cana para os pontos de recolhimento depois que os cortadores de cana tenham largado. Isto os coloca na incomôda situação de estar com a mulher em casa, quando os outros homens também estão livres, assim a mulher do "cambiteiro" é presa fácil para os "gaviões" do engenho. Os crimes decorrentes de "traição" e da acusação de traição envolvem facas e balas, e ocorrem quase sempre nos fins de semana.

Tomadas uma por uma, todas as atividades descritas aqui não parecem ter a força daquele complexo que Dirks descreveu como ritos anuais de conflitos, mas no conjunto como um todo existe uma inegável criação de um ambiente que, todas as semanas, coloca a questão de assalariamento em relevo e demonstra que os trabalhadores são capazes de questionar esta rela-

ção, seja pelo desenvolvimento das suas atividades autônomas, seja pela contestação às ofensas diretas decorrentes dos atos da administração e dos seus associados, seja pelo deslocamento da questão para a questão da dominação masculina na única esfera que ainda lhes pertence, a esfera doméstica. Estes ritos semanais de conflito que ocorrem nos dias de pagamento e nos fins de semana fazem aparecer com mais transparência as linhas de dominação que sustentam o assalariamento. A fome, antes sazonal, agora é parte do cotidiano durante todo o ano, e os ritos semanais fornecem o idioma para expressar os dois lados contrários da relação numa maneira ao mesmo tempo alentadora e ameaçadora.

Agradecimentos

Versões preliminares deste trabalho foram apresentadas no IV Colóquio Internacional do Centro de Cultura Popular de Canindé: "Folia: Maldição dos Deuses, Doença dos Homens", Canindé, CE, 21 a 24 de setembro de 1989, e no GT "Ritos, Mitos e Sociedade", Associação Brasileira de Antropologia, Florianópolis, 8-11 de abril de 1990.

Agradeço os comentários valiosos de Celina Hutzler sobre o trabalho.

BIBLIOGRAFIA

CHAVES, Nelson de Castro e Antonio Mendes Monteiro. 1968. *Pesquisa Nutricional na Zona da Mata*. Recife: Instituto de Nutrição - UFPE.

DA MATTA, Roberto. 1980. *Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro*. 2a. edição. Rio de Janeiro: Zahar.

DIRKS, Robert. 1988. "The Black Saturnalia and Relief Induced Agonism". In *The African Exchange: Toward a Biological History of Black People* (Kenneth F. Kiple, org.). Denham & London: Durk University Press.

______. 1987. "Resource Fluctuations and Competitive Transportations in West Indian Slave Society". In *Extinction and Survival in Human Population* (C. Laughlin e I. Brady, orgs.). New York: Columbia University Press.

GARCIA JR., Afrânio. 1986. Libres et Assujettis: la transition des travailleurs dépendants aux travailleurs libres dans le nord-est du Brésil. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* 65: 14-40.

GLUCKMAN, Max. 1954. *Rituals of Rebellion in South-East Africa*. Manchester: University of Manchester Press.

PALMEIRA, Moacyr. 1977. Casa e Trabalho: Notas Sobre as Relações Sociais na Plantation Tradicional. *Contraponto* 2 (2): 103-114. Niterói: Centro de Estudos Noel Nuttels.

SIGAUD, Lygia. 1979. *Os Clandestinos e os Direitos: Estudo sobre Trabalhadores de Cana de Açúcar de Pernambuco*. São Paulo: Duas Cidades.

SCOTT, R. Parry. 1988. "Entre o Cativeiro e o Meio do Mundo". Trabalho apresentado no X Congresso de Economia Doméstica. Piracicaba: Associação Brasileira de Economia Doméstica (mimeo).

______. 1981. *Between Captivity and the Middle of the World: Household Organization and Migration Among Rural Workers in Northest Brazil*. PhD. Dissertation. Austin: University of Texas.

______. 1979. "A Ecologia Cultura e a Lavoura Canavieira". Trabalho apresentado na comemoração do Dia de Ecologia. Recife: Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (mimeo).